

Newsmaking in Portuguese: uma discussão das hipóteses de Gaye Tuchman no contexto brasileiro

Newsmaking in Portuguese: a discussion of the Tuchman's hypothesis in the Brazilian context

Aldenor da Silva Pimentel¹
(aldenor_pimentel@yahoo.com.br)
Ana Carolina Rocha Pessoa Temer²
(anacarolina.temer@gmail.com)

<http://dx.doi.org/10.5216/cei.v15i2.23116>

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir a difusão das ideias da socióloga estadunidense Gaye Tuchman na área da Comunicação nos países lusófonos, em especial no Brasil. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica dos trabalhos em Língua Portuguesa da autora e de pesquisadores cujas publicações a referenciam. Os principais conceitos desenvolvidos por Tuchman serão aqui expostos e utilizados para a análise do fenômeno da cobertura jornalística da execução sumária de acusados e suspeitos de crimes hediondos de estupro e homicídio qualificado de criança, adolescente e mulher.

Palavras-chave: Teorias do Jornalismo. Gaye Tuchman. Newsmaking. Jornalismo criminal.

Abstract

This article aims to discuss the spread of ideas of the American sociologist Gaye Tuchman in the area of Communication, in Portuguese speaking countries, especially in Brazil. Therefore, we conducted a literature search of her studies in Portuguese and of publications about her. We will discuss her concepts and we will use it to analyze the news coverage of summary executions of criminal suspects and accused of rape and murder of children and women.

Keywords: Theories of Journalism. Gaye Tuchman. Newsmaking. Journalism criminal.

1 Introdução

Mestre e doutora em Sociologia pela Brandeis University, atualmente, Gaye Tuchman é professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Connecticut, nos Estados Unidos. Suas áreas de interesse são Sociologia da Cultura, gênero e educação superior (UNIVERSITY OF CONNECTICUT, 2012). Sua principal obra na área de Comunicação é o livro *Making news: a study in the construction of reality* (TUCHMAN, 1978). O trabalho é resultado de sua tese de

¹ Mestrando do Curso de Comunicação da UFG. Graduado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, pela UFRR. Goiás, Goiânia.

² Doutora e Mestre em Comunicação Social pela UEMESP. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Facomb-UFG. Goiás, Goiânia.

doutorado (TUCHMAN, 1969), e ainda não foi traduzido para a Língua Portuguesa. A versão em Espanhol recebeu o título *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad* (TUCHMAN, 1983) e está esgotada no Brasil.

A produção intelectual de Tuchman é de difícil acesso aos brasileiros. Seus três únicos trabalhos em Língua Portuguesa em newsmaking até o momento são os artigos: 1) *As notícias como uma realidade construída* (2002); 2) *Contando “estórias”* (1999b) e 3) *A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas* (1999a). Estes dois últimos foram reunidos no livro *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”* (TRAQUINA, 1999a), organizado por Nelson Traquina e publicado pela editora portuguesa Vega. Em livros escritos originalmente em Português ou traduzidos para essa língua, a pesquisadora é citada pelos autores lusitanos Mauro Wolf (1994), Nelson Traquina (2001, 2005) e Jorge Pedro Souza (2000), pelo estadunidense Michael Schudson (2010), pelo espanhol Miquel Rodrigo Alsina (2009) e pelos brasileiros Felipe Pena (2008) e Alfredo Vizeu (PEREIRA JÚNIOR, 2003).

Destacam-se entre os autores citados acima Nelson Traquina e Alfredo Vizeu. Traquina, além das duas obras citadas no parágrafo anterior e da organização de um dos poucos livros em Português até o presente momento com textos de Tuchman (*Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*), escreveu para esse mesmo livro o artigo *As notícias*, em que fala sobre as ideias da socióloga estadunidense. Vizeu, além de usar a autora como embasamento teórico, também utiliza a mesma metodologia empregada por ela: a etnografia.

Os trabalhos de Tuchman mais usados como referência pelos autores acima são o livro *Making news: a study in the construction of reality*, por Alsina, Pena e Vizeu, e o artigo *A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas*, por Alsina, Schudson e Vizeu. As obras de Alsina, Wolf, Traquina e Souza referenciam ainda trabalhos de Tuchman como *Making news by doing work: routinizing the unexpected* (1973), *Myth and the consciousness industry: a new look at the effects of the mass media* (1981), *The exception proves the rule: the study of routine news practices* (1977), os três ainda sem tradução para o Português.

2 Procedimentos metodológicos

Para a apresentação neste artigo dos principais conceitos desenvolvidos por Gaye Tuchman na área da Comunicação, foi realizada pesquisa bibliográfica sistemática dos trabalhos em Língua Portuguesa da autora e de pesquisadores cujas publicações a referenciam, sendo que os dados contextuais sobre Tuchman foram coletados em pesquisa documental na página na internet da

universidade onde ela leciona. Trata-se, desse modo, de arquivos escritos secundários em suporte impresso. O objetivo foi fazer uma revisão bibliográfica das publicações de Tuchman e da repercussão de suas ideias nos países lusófonos, em especial no Brasil. Desse modo, levantamos as obras da pesquisadora traduzidas para a Língua Portuguesa e de autores, de países lusófonos ou não, que a citam. Também foi realizada pesquisa documental na página da universidade de Connecticut, portanto em arquivo escrito primário contemporâneo público em suporte eletrônico (internet) (LAKATOS; MARCONI, 1992).

Em um segundo momento, as ideias de Tuchman foram tensionadas no contexto do jornalismo criminal. As características desse jornalismo, especificamente na cobertura de execuções sumárias de suspeitos, acusados e sentenciados por crimes hediondos de estupro e homicídio qualificado de criança, adolescente e mulher, serão analisadas de modo a verificar se as classificações e conceitos da socióloga estadunidense são válidos para esse objeto de estudo. Ao mesmo tempo, as proposições da pesquisadora serão postas em diálogo com os posicionamentos teóricos de outros autores, principalmente aqueles ligados à sociologia dos emissores (newsmaking).

3 Newsmaking

Segundo Pena (2008, p. 129), “A socióloga Gaye Tuchman é uma das mais respeitadas pesquisadoras do newsmaking.” Essa corrente teórica “procura descrever como as exigências organizativas e a organização do trabalho e dos processos produtivos influenciam na construção da notícia” (PEREIRA JÚNIOR, 2002, p. 8). Wolf (1994) sinaliza que as conexões e as relações existentes entre a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos constituem o ponto central desse tipo de pesquisa.

É importante esclarecer que newsmaking é uma hipótese, e não uma teoria. Lakatos e Marconi explicam que teoria é “um conjunto de princípios fundamentais, que se constituem em instrumento científico apropriado na procura e, principalmente, na explicação dos fatos” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 89) e hipótese é “*um enunciado geral de relações entre variáveis (fatos, fenômenos)*”:

- a) formulado como solução provisória de um problema;
- b) apresentando caráter ou explicativo ou preditivo;
- c) compatível com o conhecimento científico (coerência externa) e revelando consciência lógica (coerência interna);

d) sendo passível de verificação empírica em suas conseqüências.” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 125, grifo das autoras)

Hohlfeldt assinala que toda teoria tem o aspecto negativo de, por ser um sistema fechado, ser excludente. Para o autor, assumir uma determinada linha de pesquisa significa, por consequência, eliminar toda e qualquer alternativa divergente. Ao contrário, a hipótese seria:

[...] um sistema aberto, sempre inacabado, adverso ao conceito de *erro* característico de uma teoria. [...] uma hipótese é sempre uma experiência, um caminho a ser comprovado e que, se eventualmente *não der certo* naquela situação específica, não invalida necessariamente a perspectiva teórica. Pelo contrário, levanta, automaticamente, o pressuposto alternativo de que outra variante, não presumida, cruzou pela hipótese empírica, fazendo com que, na experiência concretizada, ela não se confirmasse. (HOHLFELDT, 2001, p.189, grifo do autor).

A hipótese do newsmaking enxerga a notícia como construção, em oposição à teoria do espelho, segundo a qual a notícia é um reflexo fiel da realidade. Para a hipótese, a linguagem neutra é impossível. As perspectivas do paradigma da Construção Social da Realidade abandonam as pesquisas que estudam efeitos de curto prazo, típicas das pesquisas administrativas antecedentes, para analisar efeitos de longo prazo, cumulativos e cognitivos. Dos estudos dos efeitos intencionais, realizados pelas teorias instrumentalistas, passa-se aos efeitos latentes, não imediatos; e do foco em campanhas eleitorais, às pesquisas da cobertura jornalística global, cotidiana (WOLF, 1994).

Aliás, autores como Pena (2008), Souza (1999) e Traquina (1999a, 2001, 2005) classificam o newsmaking entre as teorias do Jornalismo, e não como Teoria da Comunicação, como o faz Wolf (1994). Traquina (2001), inclusive, enquadra as ideias de Tuchman como teoria etnoconstrucionista.³ A hipótese do newsmaking orienta-se para a produção e os produtores da notícia, ao estudar a influência da rotina (constrangimentos organizacionais, condições orçamentárias, distribuição da rede noticiosa, etc.) na representação dos acontecimentos. A produção noticiosa é pensada como rotina industrial e a notícia é vista como resultado dos diversos fatores envolvidos no processo, isto é, a ação pessoal, social, ideológica, cultural, do meio físico, histórica (SOUZA, 1999).

³ Para a teoria etnoconstrucionista, a notícia é uma construção da cultura profissional dos jornalistas, por meio do processo de produção definido como a percepção, a seleção e a transformação de uma matéria-prima (acontecimentos) em um produto (as notícias) (TRAQUINA, 2001).

A partir do newsmaking, Pena (2008) diz que são obrigações dos órgãos de informação: a) tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido como acontecimento noticiável; b) elaborar formas de relatar os acontecimentos como não idiossincráticos; c) e organizar o trabalho no tempo e no espaço para que os acontecimentos noticiáveis afluam e sejam trabalhados planificadamente.

3.1 O newsmaking de Tuchman

Como metodologia no estudo que resultou em sua tese de doutorado e deu origem ao livro *Making News*, Tuchman lançou mão da pesquisa etnográfica,⁴ por meio da observação participante. O período de análise foi de 1966 a 1976. A pesquisadora acompanhou a rotina produtiva de um canal de TV, três jornais impressos de Seaboard e Nova York e da sala de redação da Prefeitura de Nova York. Fez ainda entrevista com ativistas do movimento feminista e repórteres e analisou a cobertura jornalística da época sobre o movimento feminista e uma crise em Nova York (CARVALHO, 2009). O problema central da pesquisa era: em que medida os *media* podem contribuir com a construção social da realidade e como as rotinas do trabalho informativo determinam a produção da notícia?

Tuchman concluiu que os jornalistas trabalham sob a tirania do fator tempo. Diante da imprevisibilidade dos acontecimentos noticiáveis, que podem surgir em qualquer parte e a qualquer momento, os jornais organizam-se de forma a impor ordem no tempo e no espaço. Os veículos jornalísticos esforçam-se para ordenar o tempo por meio da distribuição da rede noticiosa: a) por área geográfica, ao enviar correspondentes e delegações a outros territórios; b) por especialização organizacional, ao escalar sentinelas em instituições, como Senado, Câmara, Palácio do Planalto; c) e por especialização temática, com a manutenção das editorias, cadernos e suplementos (TRAQUINA, 1999b).

Nesse sentido, destaca-se que a notícia, que se propõe a retratar a realidade, ao fazê-lo, também interfere nela, a partir do contexto em que a produção noticiosa está inserida. A distribuição por área geográfica, diante da impossibilidade de enviar correspondentes e delegações a todos os lugares, provoca a dependência dos veículos jornalísticos em relação às agências de notícias e aos *releases* de assessorias de imprensa. A distribuição da rede noticiosa, tanto por

⁴ Na pesquisa etnográfica, “Os dados são recolhidos pelo investigador presente no ambiente que é objecto de estudo, quer pela observação sistemática de tudo o que aí acontece, quer através de conversas, mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas com as pessoas que põem em prática os processos produtivos.” (WOLF, 1994, p. 167)

especialização organizacional quanto por especialização temática, produz o mesmo efeito: a escolha de determinados lugares e temas, a partir do entendimento de que existe maior propensão para que as notícias surjam nesses territórios e sobre esses assuntos, faz com que, exatamente por causa de tais escolhas, esses lugares e temas estejam mais presentes no noticiário que outros assuntos e localidades.

Para impor ordem no tempo, as empresas jornalísticas trabalham com: a) a expectativa de acontecimentos no horário de expediente; b) o serviço de agenda, que consiste na previsão de acontecimentos; d) o próprio ritmo de trabalho, baseado em valores como o imediatismo e a atualidade; e) e critérios de noticiabilidade. A expectativa de que acontecimentos deem-se no horário de expediente leva os veículos a reduzirem o tamanho da equipe de profissionais fora desse horário. O serviço de agenda é uma precaução dos jornais para que não sejam surpreendidos diariamente pela ausência de eventos noticiáveis. Entretanto, os fatos inesperados são exatamente aqueles que melhor se enquadram no conceito de notícia⁵ e, não raro, costumam forçar os veículos a replanejarem suas pautas.

Traquina (2005) cita eventos como os atentados ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, como exemplos de mega-acontecimentos,⁶ compostos muitas vezes pelo inesperado. Além do mais, o próprio ritmo de trabalho, baseado em valores como imediatismo e atualidade, direciona a produção jornalística para temas do presente, ainda que como ganchos (*news peg*) para se referirem a fatos do passado.

Os critérios de noticiabilidade são elementos usados por jornalistas para decidir o que deve ou não ser publicado e são negociados pelos agentes do processo produtivo (pauteiro, repórter, editor, revisor, etc.), o que revela o grau de autonomia relativa dos jornalistas. Tuchman (1978) acredita que a noticiabilidade, como produto de múltiplas negociações, legitima o *status quo*. Ao fornecerem informações, os *media* reforçam outras instituições sociais já consolidadas e o poder instituído.⁷ “Para Tuchman, os grupos sociais que atuam fora do consenso são vistos como marginais e sua marginalidade é tanto maior quanto mais se afastarem do social legitimado, através

⁵ “O que é notícia?” é a questão central do newsmaking, questão para a qual a “reposta dos membros da tribo jornalística não é científica, aparece como instintiva, e permanece quase como uma lógica não explicitada” (TRAQUINA, 2005, p. 96). Ainda assim, diz Traquina (2005, p. 96): “os critérios de noticiabilidade existem, duradouros, ao longo dos séculos.”

⁶ O mega-acontecimento, ou “*what a story!*”, é um dos tipos de notícia, segundo classificação de Tuchman (1978).

⁷ Citam-se como valores-notícia que explicitam a predileção pelos setores hegemônicos identificados na pesquisa de Galtung e Ruge (1999): referência a nações de elite e referência a pessoas de elite. O mesmo pode ser encontrado em Traquina (2005), no valor-notícia notoriedade do ator principal do acontecimento, em Wolf (1994), no valor-notícia grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos.

da afirmação e da demonstração de atos de violência.” (TRAQUINA, 2001, p. 113).

Diferentes autores (GALTUNG; RUGE, 1999; TRAQUINA, 2005; WOLF, 1994) procuraram sistematizar a classificação dos valores-notícia, isto é, do “conjunto de elementos e princípios através dos quais os acontecimentos são avaliados pelos meios de comunicação de massa e seus profissionais em sua potencialidade de produção de resultados e novos eventos, se transformando em notícia.” (HOHLFELDT, 2001, p. 208) Aqui se apresentam somente duas abordagens: de Wolf - critérios substantivos, relativos ao produto, ao meio de comunicação, ao público, e à concorrência, e de Traquina - de seleção (substantivos e contextuais) e de construção (simplificação, amplificação, relevância e personalização).

Tuchman propõe uma sistematização dos tipos de matérias, que, segundo ela, são classificações que surgem da ação prática propositada para controlar o trabalho. Todavia, a autora admite a fragilidade na fronteira entre os tipos propostos e salienta que a rigidez sugerida pela tipificação é apenas aparente. Para Tuchman, as matérias podem ser duras e leves. As duras podem ainda ser divididas em súbitas, em desenvolvimento e em sequência.⁸ Para analisar a confiabilidade da informação e considerando que as fontes são pessoas com interesses, os jornalistas utilizam critérios para avaliar as fontes de informação: a) a autoridade (*status* ocupado dentro de uma hierarquia); b) a produtividade (capacidade de fornecer com frequência informações novas e relevantes); c) e a credibilidade (capacidade de fornecer informações confiáveis) (TRAQUINA, 2001).

Para Tuchman, notícias são “estórias”, ou seja, registram as formas literárias e as narrativas escolhidas pelos jornalistas para organizar o acontecimento. A autora adverte, no entanto, que considerar a notícia como estória não é rebaixá-la ou acusá-la de ser ficcional. “Melhor, alerta-nos para o facto de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora de sua própria validade interna.” (TUCHMAN, 1999b, p. 262)

Para Traquina (2005), os jornalistas partilham uma cultura profissional, uma forma de ver, que extrapola os limites das organizações e dos territórios. Essa cultura comum está baseada no domínio de um repertório que consiste em três saberes: saber de narração, saber de reconhecimento e saber de procedimento (TRAQUINA, 2001, 2005). O saber de narração é a capacidade de traduzir os acontecimentos em texto e abrange a linguagem jornalística e as técnicas do *lead* e da pirâmide invertida. O saber de reconhecimento é a capacidade de reconhecer quais acontecimentos possuem

⁸ Ver tabela de referência em Pena (2008).

valor como notícia (“faro jornalístico”). O saber de procedimento são os conhecimentos necessários que orientam o agir na recolha de dados para a confecção das notícias.

Segundo Traquina (2005), a dificuldade que os jornalistas têm para explicar quais são os critérios que utilizam no processo de produção das notícias é um sinal de que eles priorizam a ação sobre a reflexão, o que está relacionado ao saber de procedimento. Como consequência do jornalismo como atividade prática, marcada por horas de fecho, percebe-se nas notícias o foco nos acontecimentos e não nas problemáticas (TRAQUINA, 2001; TUCHMAN, 1978).

4 A indústria noticiosa e a indústria da execução sumária

Em 8 de junho de 2005, os jornais da cidade de Boa Vista, capital de Roraima, começaram a noticiar um crime que ficou conhecido como Chacina do Operário. Nele, um homem e seu casal de filhos, crianças de quatro e sete anos, foram mortos a terçadadas⁹ no bairro que deu nome ao crime. O caso teve grande repercussão nos veículos de comunicação locais. No jornal há mais tempo em circulação na cidade, Folha de Boa Vista, por exemplo, o crime foi noticiado diariamente até a prisão do suspeito, no dia 13 de junho daquele ano. Acusado confesso, mas sem ainda ser levado a julgamento, Roberto Júnior Pereira Xavier foi encontrado no dia 18 de julho de 2005, na Cadeia Pública de Boa Vista, decapitado e com 25 golpes de faca pelo corpo (FOLHA DE BOA VISTA, 2007; PIMENTEL, 2008).

O assassinato de Xavier não teve o mesmo destaque nos *media* que o crime do qual ele era acusado. Diferente das seis edições seguidas que noticiaram a chacina, somente uma edição do referido jornal noticiou a morte de Xavier. De 2007 a 2012, identificaram-se matérias no jornal Folha de Boa Vista sobre outros nove casos de execução sumária de acusados, suspeitos e sentenciados por estupro ou homicídio qualificado de criança, adolescente e mulher. Assim como a execução extralegal do presidiário narrada anteriormente não é um fato isolado em Boa Vista, ela tampouco o é no restante do Brasil. Diferentes autores relatam a execução sumária de suspeitos e acusados de crimes após a divulgação incisiva desses delitos pelos *media* (BATISTA, 2002; SILVA, 2009). Varella, no livro Estação Carandiru, narra o seguinte caso:

Na periferia de São Paulo, um homem abusou de um menino e o matou. Os jornais publicaram fotografias do assassino e da criança. Numa tarde de sexta-feira, por aparente descuido burocrático, um grupo de presos veio transferido para a Casa sem a direção se dar conta de que o criminoso estava no meio. Do momento em

⁹ Golpes com um tipo de facão grande.

que ele desceu do camburão na Divinéia, até sua morte no pavilhão Cinco, passaram-se exatos cinquenta minutos. Tomou tanta facada que quase lhe desarticularam o braço direito. Marcolino, apontador de jogo do bicho e comerciante de dinheiro falso, que estava para ser libertado naqueles dias, disse que a chegada do marginal no pavilhão não foi surpresa:

- Nós estávamos para lá de prevenidos. Tinha recorte de jornal espalhado nos andares, com a foto dele esrachada. (VARELLA, 1999, p. 144).

Em outro caso, Ronaldo Josias de Souza foi espancado até a morte por cerca de 100 presos, durante o banho de sol, na 126ª Delegacia de Polícia, em Cabo Frio, Rio de Janeiro, em fevereiro de 2002. O motivo do linchamento seria a denúncia, feita no dia anterior pelo programa de TV Linha Direta, de que Ronaldo teria matado a própria mulher. Ele foi morto seis horas após ser preso e doze horas depois de terminada a exibição do programa da TV Globo (BATISTA, 2002).

Esses casos apontam para a centralidade do jornalismo na formatação do modo como as pessoas percebem a realidade no mundo contemporâneo. Não se pode negar que a decisão de executar sumariamente os suspeitos e acusados mencionados foi influenciada pela cobertura noticiosa dos crimes atribuídos a eles (agenda setting). Como já mencionado, a notícia é uma construção, resultado das rotinas do processo produtivo. O jornalismo criminal é produto da organização dos veículos para impor ordem no tempo e no espaço, por meio da especialização temática.

As notícias criminais atenderiam a pelo menos metade dos 12 valores-notícia levantados por Galtung e Ruge (1999) em uma pesquisa clássica em que os estudiosos apresentaram em 1965 uma sistematização dos fatores que influenciam o fluxo noticioso: frequência,¹⁰ inequivocidade,¹¹ consonância,¹² inesperado,¹³ referência a pessoas¹⁴ e referência a algo negativo.¹⁵ Para Traquina (2005, p. 79), “Onde há morte, há jornalistas. A morte é um valor-notícia fundamental para essa

¹⁰ Segundo Galtung e Ruge (1999, p. 69), “[...] um acontecimento negativo pode mais facilmente desenrolar-se por completo entre duas edições de um jornal e duas transmissões radiofônicas – isto é mais difícil para um acontecimento positivo.”

¹¹ “As notícias negativas serão mais facilmente *consensuais* e *inequívocas* no sentido de que haverá acordo acerca da interpretação do acontecimento como negativo.” (GALTUNG; RUGE, 1999, p. 69, grifo dos autores)

¹² Para Galtung e Ruge (1999, p. 64, grifo dos autores), “*Quanto mais consonante for o sinal com a imagem mental do que se espera encontrar, mais provável será a audição dessa frequência.*”

¹³ “As notícias negativas são mais inesperadas que as positivas, tanto no sentido de que os acontecimentos referidos são mais raros, como no sentido de que são menos previsíveis.” (GALTUNG; RUGE, 1999, p. 70)

¹⁴ Galtung e Ruge (1999, p. 68) argumentam que “as notícias têm uma tendência para apresentar os acontecimentos como frases onde existe um sujeito, uma denominada pessoa ou colectividade composta por algumas pessoas, e o acontecimento é então visto como uma consequência das acções desta pessoa ou dessas pessoas.”

¹⁵ Existe inclusive em jornalismo uma máxima que diz que notícias boas são as notícias ruins.

comunidade interpretativa”. Na condição de ruptura maior, a morte¹⁶ é um valor-notícia máximo para o qual todo crime aponta.

Matérias criminais são duras e súbitas. Por atender ao valor-notícia do inesperado (TRAQUINA, 2005), os delitos rompem com a rotina das redações e obrigam os jornalistas a refazerem seu serviço de agenda para incluí-los. A editoria de Polícia foi criada nos jornais impressos no século XIX (BARILLAUD; BIEQUE; DAHLET, 1990 apud PONTE, 2005;¹⁷ DUBIED; LITS, 1999¹⁸ apud PONTE, 2005), mas formas primitivas de jornal já narravam delitos com violência e morte. Segundo Traquina (2005), das 25 folhas volantes¹⁹ inglesas, uma forma pré-moderna do jornal, publicadas em 1616, um terço delas foi dedicado a um tipo de acontecimento: assassinatos.

Pesquisas científicas (CORDEIRO, 2008; MENDONÇA, 2002; PIMENTEL, 2010; RAMOS, PAIVA, 2007) têm demonstrado que as notícias criminais superexpõem a violência, pré-julgam os acusados, expõem os crimes como resultado unicamente de motivações individuais, apresentam territórios e grupos populacionais como tipicamente violentos e fazem apologia à violação dos direitos humanos. A consolidação dessas características indica a inserção delas na cultura profissional dos jornalistas da área como comunidade interpretativa, o que inclui o modo de ver (reconhecimento), agir (saber de procedimento) e noticiar os crimes (saber de narração).

O próprio ritmo de trabalho, baseado em valores como o imediatismo e a atualidade, leva o jornalismo criminal a focar a ocorrência de crimes pontuais (acontecimentos) e não políticas de segurança pública (problemáticas), como consequência da prioridade dada pelo jornalismo à ação em detrimento da reflexão. Pode-se dizer que, a partir de seu capital simbólico (BOURDIEU, 2005), conquistado pela tradição do jornalismo criminal, este construiu a opinião pública (NOËLLE-NEUMANN, 1995) sobre os delitos e o seus promotores.

Os media definem para a maioria da população os acontecimentos significativos que estão a ter lugar, mas também oferecem interpretações poderosas acerca da

¹⁶ Para Duarte (1999, p. 28), a morte marca dois registros da notabilidade de um fato: o excesso e a falha. No excesso, “pela ultrapassagem do limiar físico” e na falha, porque “fulmina repentinamente o corpo são”. Segundo o autor, a morte é um acidente-limite, assim como o nascimento, em relação à qual todas as outras ocorrências se posicionam e se referem (DUARTE, 1999).

¹⁷ BARILLAUD, Marie-Christine; BIÈQUE, Jacqueline; DAHLET, Patrick. **Le fait divers**. Aspects théoriques, pédagogiques, documentaires. Metz: CIEP, 1990.

¹⁸ DUBIED, Annik; LITS, Marc. **Le fait divers**. Paris: PUF, 1999.

¹⁹ “As ‘folhas volantes’ são diferentes dos jornais em primeiro lugar porque são dedicadas a um único tema [...] e, em segundo lugar, não são publicações regulares. Também não eram folhas de simples informação: as notícias eram sobretudo avisos moralistas e interpretações religiosas.” (TRAQUINA, 2005, p. 64)

forma de compreender estes acontecimentos. Implícitas nessas interpretações estão as orientações relativas aos acontecimentos e pessoas ou grupos nelas envolvidos. (HALL *et. al.* 1999, p. 228).

Esse processo de agenda setting é configurado a partir da relação estruturada entre os *media* e os definidores primários institucionais, em que estes estabelecem a definição ou interpretação primária do tópico em questão (MOLOTCH; LESTER, 1999). Os definidores primários do jornalismo criminal são a Polícia, fonte que detém o quase monopólio da voz nessa cobertura (HALL *et. al.*, 1999; PAIVA; RAMOS, 2007; PIMENTEL, 2010; VARJÃO, 2008). Para tornar os acontecimentos inteligíveis, os jornalistas trabalham com mapas culturais do mundo social (HALL *et. al.*, 1999) e, a partir desse quadro de significados familiares ao público, ajudam a construir a sociedade como um consenso. Para Varjão, o fenômeno da violência física

[...] está sendo tratado, no dia-a-dia da mídia, apenas dentro do âmbito da segurança pública, esquecendo-se o da saúde pública; dentro do âmbito da segurança pública, só está sendo considerada a esfera policial, ignorando-se outras instâncias sociais; na esfera policial, está sendo visto apenas o aspecto repressivo-punitivo, em detrimento do preventivo [...]. (VARJÃO, 2008, p. 136-137).

Para exemplificar como, “apesar dos problemas”, a imprensa tem melhorado o tratamento dos temas associados à violência, à criminalidade e à segurança pública, Ramos e Paiva relatam um diálogo entre jornalistas, promovido em 2004, pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes:

“Eu peguei o tempo em que o policial batia no preso e o repórter não falava nada”, comentou. Um outro jornalista, um pouco mais velho, replicou em tom de blague: “E eu peguei o tempo em que o repórter batia no preso!” (RAMOS e PAIVA, 2007, p. 15).

Reconhece-se o avanço qualitativo da cobertura criminal nos últimos anos. Percebe-se, contudo, que isso se dá ainda com lentidão. Não é difícil encontrar atualmente, por exemplo, apresentadores de programas de TV que cobrem prioritariamente crimes defenderem abertamente o aumento da repressão contra criminosos, inclusive em defesa de propostas inconstitucionais como a prisão perpétua ou a pena de morte.²⁰ As estatísticas mostram que a população carcerária é, em sua

²⁰ No Brasil, não podem existir penas de caráter perpétuo, e a pena de morte é prevista apenas em situações de guerra declarada pelo Presidente da República e autorizada ou referendada pelo Congresso Nacional, quando ocorrida no

maioria, formada por jovens do sexo masculino, entre 18 e 29 anos, afrodescendentes e de baixa escolaridade (DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL, 2011), portanto, pertencente a setores socialmente marginalizados.

Conforme defendem as teorias do paradigma das notícias como construção, o jornalismo criminal, assim como os *media*, de modo geral, reproduz o discurso do grupo hegemônico, para o qual as populações marginalizadas são classes perigosas (COIMBRA, 2001; GUIMARÃES, 1982). Tal discurso liga-se a outros, como o da repressão cada vez maior ao crime e aos criminosos e potenciais criminosos, e o da supressão aos direitos humanos em nome da “segurança pública”. Esse processo penal – que passa pelos *media* - encerra-se na execução sumária, pelas mãos de indivíduos arbitrariamente reconstituídos como extensões da máquina punitiva, em desacordo com os códigos normativos vigentes, tão publicamente defendidos por esse mesmo jornalismo criminal.

5 A contribuição de Tuchman nos estudos sobre os processos comunicativos

A socióloga Gay Tuchman desenvolveu seus trabalhos tendo como base a Sociologia do Conhecimento, que por sua vez é uma corrente da Sociologia Fenomenológica (SCHUTZ; LUCKMANN, 1973), que reflete sobre a intersubjetividade, isto é, sobre a existência de um patamar mínimo de conhecimento objetivado compartilhado. Em um sentido geral, o trabalho da pesquisadora mostra de forma clara os vínculos com o positivismo norte americano, e com a perspectiva prática/pragmática dos estudos sobre a comunicação.

No entanto, é importante destacar que a contribuição de Tuchman vai além de alguns aspectos menos sofisticados dessa linha de pensamento, perpassando análises críticas das relações de poder. Ainda que a sustentação teórica do newsmaking esteja calcada na observação das rotinas produtivas dentro das redações jornalísticas, e que seja empregada e justificada a partir da possibilidade de “aprimorar” essas rotinas e, conseqüentemente, tornar o processo socialmente mais eficiente (em uma perspectiva que se aproxima à noção de que o jornalismo tem uma “função” social a ser cumprida, ou seja, uma perspectiva funcionalista), Tuchman extrapola essa concepção quando fundamenta essa contribuição no papel dos processos simbólicos e comunicativos como pressupostos da sociabilidade (WOLF, 1994), e aponta a importância das rotinas de produção construção dos conteúdos jornalísticos.

Justamente por surgir de estudos desenvolvidos dentro das redações, o trabalho de Tuchman

intervalo das sessões legislativas, em caso de agressão estrangeira (art. 5º, inciso XLVI e art. 84, inciso XIX) (BRASIL, 1988).

tem também grande impacto entre os produtores de notícias – embora essa valorização se dê em um sentido prático e não crítico. Essa relação transparece na proposta de tensionamento apresentada neste trabalho, na qual fica claro que a cobertura jornalística envereda pelos caminhos mais previsíveis (mais práticos), pela valorização automática da violência e particularmente da morte violenta – um valor-notícia clássico. Em contraposição, a análise também mostra que a cobertura jornalística, mesmo quando guiada por esses valores-notícia, também incorpora aspectos da “ética” dominante, o que nesse caso significa “vazar” de forma sutil a noção de que certos crimes, de tão hediondos, são passíveis de punição pelos próprios companheiros de cárcere. Consequentemente, esses suspeitos, acusados e sentenciados não precisam de (ou não tem direito à) justiça institucionalizada, pois seus crimes estão além dela.

Em um sentido amplo, é possível perceber que as hipóteses desenvolvidas por Tuchman se aplicam mesmo no jornalismo praticado longe dos grandes centros de referência nacional, mas igualmente é possível dizer que a força das rotinas produtivas, da hipótese do newsmaking desenvolvida pela autora, não é capaz de atropelar as percepções e preconceitos da própria comunidade na qual o veículo jornalístico circula. Ou ainda, embora as notícias sejam “o resultado de processos de interação social não só entre os jornalistas e as fontes, mas também entre os próprios jornalistas, vistos como membros de uma comunidade profissional.” (TRAQUINA, 2001, p. 117), e os jornalistas façam parte de uma tribo, uma comunidade interpretativa transnacional, sua ação não está além dos limites da cultura local.

Artigo submetido em 18/10/2012 e aceito em 21/01/2013.
--

Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BATISTA, Nilo. Prefácio. In: MENDONÇA, Kleber. **A punição pela audiência**: um estudo do Linha Direta. Rio de Janeiro: Quartet, 2002. p. 11-15.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgado em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <<http://www.cmm.am.gov.br/pdf/Constituicao.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2012.

CARVALHO, Carlos Alberto de. Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento

jornalístico. **Contemporânea**. Salvador, v. 7, n. 2, p. 1-15, dez. 2009.

COIMBRA, Cecília. **Operação Rio: o mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor; Niterói: Intertexto, 2001.

CORDEIRO, Tânia. Apresentação. In: VARJÃO, Suzana. **Micropoderes, macroviolências**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 13-15.

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Ministério da Justiça. **Relatórios estatísticos - analíticos do sistema prisional de cada Estado da Federação**. BR. Dez/2011. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/depen/services/DocumentManagement/FileDownload.EZTSvc.asp?DocumentID={916E202D-BB11-49F3-9856-B1B3D6CD8065}&ServiceInstUID={4AB01622-7C49-420B-9F76-15A4137F1CCD}>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

DUARTE, Adriano. O acontecimento. In: Traquina, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 27-33.

FOLHA de Boa Vista. Presidiário é condenado a mais 18 anos de prisão. **Folha de Boa Vista**, Boa Vista, 28 abr. 2007. Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/Imprimir_noticia.php?id=22843>. Acesso em: 7 mar. 2012.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação das crises do Congo, Cuba e Cipro em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 61-73.

GUIMARÃES, Alberto Passos. **As classes perigosas: banditismo rural e urbano**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

HALL, Stuart et. al. A produção social das notícias. In: Traquina, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 224-248.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: _____; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera V. (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MENDONÇA, Kleber. **A punição pela audiência: um estudo do Linha Direta**. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (Org.).

Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 34-51.

NOËLLE-NEUMANN, Elisabeth. **La espiral del silencio.** Opinión pública: nuestra piel social. Barcelona: Paidós, 1995.

PENA, Felipe. **Teorias do jornalismo.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia:** os bastidores do telejornalismo. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

_____. **Decidindo o que é notícia.** Os bastidores do telejornalismo. 2002. 152 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

PIMENTEL, Aldenor. **A cobertura jornalística sobre crimes hediondos e o comportamento violento entre presidiários em Roraima:** uma análise do programa O Povo Mete Bronca no caso Manuelle. 2008. 77f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2008.

_____. Análise de contexto das notícias policiais nos jornais impressos de Boa Vista. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33, 2010, Caxias do Sul. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2184-1.pdf>>. Acesso em: 22 julho 2012.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias:** linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência:** tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

SOUZA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos.** As “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos. Universidade Fernando Pessoa, 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=13>. Acesso em: 24 maio 2012.

_____. **As notícias e os seus efeitos.** Coimbra: Minerva Coimbra, 2000.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thompson. **The structures of the life-world.** Evanston: Northwestern University Press, 1973.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia:** uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999a.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: _____. **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999b. p. 167-176.

_____. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo, RS: Unisinos, 2001.

_____. **Teorias do jornalismo:** a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **News, the newsman's Reality.** 1969. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Artes e Ciências, Departamento de Sociologia, Brandeis University, Waltham, 1969.

_____. Making news by doing work: routinizing the unexpected. **American Journal of Sociology.** Chicago, v. 79, n. 1, p. 110-131, jul. 1973.

_____. The exception proves the rule: the study of routine news practices. In: HIRSCH, Paul; MILLER, Peter; KLINE, Gerald (Orgs.). **Strategies for Communication Research: Annual Review of Communication Research.** Beverly Hills: Sage Publications, 1977. p. 43-62.

_____. **Making News:** a study in the construction of reality. New York: The Free Press, 1978.

_____. Myth and the consciousness industry: a new look at the effects of the mass media. In: KATZ, Elihu; SZECSKO, Tamas (Orgs.). **Mass media and social change.** London: Sage, 1981. p. 83-100.

_____. **La producción de la noticia:** estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gili, 1983.

_____. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999a. p. 74-90.

_____. Contando “estórias”. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999b. p. 258-262.

_____. As notícias como uma realidade construída. In: ESTEVES, João Pissarra. **Comunicação e Sociedade.** Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 94-104.

UNIVERSITY OF CONNECTICUT. College of Liberal Arts and Sciences. Department of Sociology. **Abbreviated curriculum vitae.** Gaye Tuchman. Disponível em: <<http://sociology.uconn.edu/faculty/tuchman/cv.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

VARELLA, Dráuzio. **Estação Carandiru.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VARJÃO, Suzana. **Micropoderes, macroviolências.** Salvador: EDUFBA, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.